

# Os estudos aristotélicos (e averroístas) em Veneza e Pádua ao longo do século XVI

**Manuel Cadafaz de Matos**

Professor Associado, E.S.D., Lisboa; Prof. Catedrático convidado da Universidade de Barcelona;  
Presidente da direcção da associação Centro de Estudos de História do Livro e da Edição –  
CEHLE; director da *Revista Portuguesa de História do Livro*

Evocando ainda Charles B. Schmitt  
no 20.º aniversário da sua morte  
(Pádua, 15 de Abril de 1986)

Ao longo de todo o século XVI, em Itália, os estudos aristotélicos conheceram, sobretudo em meios universitários e eclesiásticos, um significativo desenvolvimento. Tal ocorreu em vários planos, desde o da tradução, ao da análise crítica e filológica, ao editorial, de um ponto de vista técnico e de difusão, sobretudo em cidades como Veneza, Pádua, Bolonha e Roma.

Tal verificou-se como uma natural continuidade do que já havia sucedido nas últimas décadas do período quatrocentista. Num manifesto regresso ao período clássico, importava contribuir para um *renascimento* de uma época dourada da História das Ideias, repensando os sábios da Antiguidade, em particular os eruditos e pensadores helénicos.

Faremos aqui, primeiramente, a análise de um período de transição entre autores do período incunabular transalpino<sup>1</sup> que ainda conheceram uma significativa difusão nas primeiras décadas do século XVI nas universidades daquela região (com uma natural propagação a outros meios intelectuais europeus dessa época). Iremos, de seguida – e procurando-se sintetizar algumas das linhas de pensamento no âmbito da difusão editorial aristotélica a partir daquelas mesmas cidades – avaliar alguns dos casos mais marcantes de investigadores, comentadores e tradutores de obras do Estagirita, que aí estiveram activos.

Para efeitos deste levantamento, num plano geral, seguimos os repertórios que, a nosso ver, terão levado mais longe o conhecimento da pesquisa bibliográfica e editorial aristotélica no Renascimento italiano. Trata-se dos trabalhos meticulosos desenvolvidos, durante décadas, quer por Edward Cranz<sup>2</sup> quer por Charles Lohr<sup>3</sup>.

---

<sup>1</sup> Vide Manuel Cadafaz de Matos, “As edições italianas de Aristóteles nas três últimas décadas do século XV...”, in *A Apologia do Latim. In Honorem Dr. Miguel Pinto de Meneses*, Lisboa, CEHLE e Edições Távola Redonda, 2005, pp. 251-282.

<sup>2</sup> F. Edward Cranz, *A Bibliography of Aristotle Editions, 1501-1600*, 2ª. edição, com acréscimos e revisões por Charles B. Schmitt, Baden-Baden, Verlag Valentin Koerner, 1984. Esta edição fora precedida (no ano anterior) pela publicação, por parte de Charles B. Schmitt, da obra *Aristotle and the Renaissance*, Harvard University Press, Cambridge – Londres, 1983. Este trabalho beneficiou de uma edição francesa, *Aristote et la Renaissance*, em 1992, a cargo de Presses Universitaires de France (col.º. “Epiméthée”). – No presente estudo seguimos, como fio condutor do nosso discurso (embora não como linha orientadora

Há que ter em conta que muitas das obras aristotélicas de que vamos tratar foram impressas neste período em Itália – mais particularmente em Veneza e Pádua – tendo em vista servir públicos estudantis (na grande maioria dos casos) de um mercado nacional mais vasto. Algumas delas – porventura as mais bem sucedidas – foram até canalizadas, em significativas quantidades, para o mercado externo, alimentando o comércio e servindo as comunidades universitárias (de cursos de humanidades) mais proeminentes da época.

A técnica tipográfica que possibilitava, desde o último quartel do século XV em Itália, a circulação em letra de forma das obras de literatos, cientistas ou filósofos – neste caso Aristóteles – participava, assim, de um processo muito mais vasto, relativo à própria democratização dos textos e da leitura. Iniciado na Europa central e do ocidente em Mogúncia, esse processo de reprodutibilidade e da multiplicabilidade técnica dos textos alastou, em curtas décadas, um pouco por todo o lado. Pensando-se, apenas, em alguns dos impressores cujas edições fizeram verdadeiramente história nesta época – a par do trabalho, esclarecido, rigoroso e tecnicamente perfeito desenvolvido em Veneza por Aldo Manutio (1459-1515) – destacaram-se, seguramente, de entre eles, no período quinhentista, Robert Estienne I (1503-1559) e Claude Garamont (c. 1500-1561), em França e Christophe Plantin (1519/20-1589), na Flandres<sup>4</sup>.



Três dos mais destacados impressores do século XVI, Robert Estienne I, Claude Garamont e Christophe Plantin, tendo contribuído todos eles para a circulação, em letra de forma, de obras de filósofos da Grécia Antiga

## 1. Aristotelismo em Veneza, na transição do período quatrocentista para o quinhentista

Podem sumariar-se, aqui, alguns dos estudos mais marcantes – desde começos do século passado até as últimas décadas – no âmbito da bibliografia material e da pes-

---

dominante) a listagem final de humanistas aristotélicos do Renascimento apresentada por Charles B. Schmitt no seu “Répertoire bibliographique”, na parte final desta edição francesa da sua obra, pp. 151-164.

<sup>3</sup> Charles H. Lohr, *Latin Aristotle Commentaries. II Renaissance Authors*, Florença, 1988. O leitor encontra algumas indicações complementares de interesse (ainda do ponto de vista da bibliografia material aristotélica) em Miroslav Flodr, “[Edições de] Aristóteles”, in *Incunabula Classicorum*, Amesterdão, Verlag Adolf Hakkert, 1973, pp. 18-38; e H. M. Adams, “[Edições de] Aristoteles”, in *Catalogue of Books printed on the continent of Europe, 1501-1600 in Cambridge Libraries* (2 vols.), Cambridge University Press, 1968, vol. I, n.ºs. 1730-1972 (pp. 60-70).

<sup>4</sup> Jean-Claude Faudouas, *Dictionnaire des Grands Noms de la Chose Imprimée*, Paris, Retz, 1991; *Cronique Générale de tous les Pères (...) roys, ducz, princes et aultres hommes illustres de toutes professions...* [Paris], 1620, obra extremamente rara, referenciada no catálogo *Livres Rares – Belles Reliures*, Paris, Librairie Paul Jammes, 2008, n.º. 23 (de onde extraímos as ilustrações dos impressores que aqui se apresentam).

quisa aristotélica veneziana. Contam-se entre eles as pesquisas bibliográficas de Antoine Augustin Renouard, em torno dos prelos aldinós<sup>5</sup> (e apontando-se, naturalmente, os interesses aristotélicos daquele impresor), bem como o não menos pioneiro – e já com algumas interessantes informações de síntese nesta área – da autoria do Príncipe de Essling, acerca dos livros de figuras impressos nessa urbe do Adriático<sup>6</sup>.

Em meados do século XX esta perspectiva conheceu, naturalmente, um maior desenvolvimento e já na especificidade. De destacar três obras de charneira, da década de cinquenta, neste domínio, da autoria de Eugenio Garin<sup>7</sup> e de Kristeller<sup>8</sup> e uma outra, colectiva, produzida por ocasião de uma exposição da biblioteca Marciana<sup>9</sup>.

Nas três últimas décadas do século XV – e, praticamente, desde o começo da acção tipográfica em Veneza – as obras de Aristóteles acompanharam a História da Imprensa naquela cidade. Iniciemos estas deambulações com uma análise à participação nesse movimento por parte de Donato Acciaiuoli.

Este humanista, em 1478 – crendo-se que seja esse, precisamente, o ano da sua morte – fez editar em Veneza a *Expositio Ethicorum Aristotelis*<sup>10</sup>. Chegou até aos nossos dias, na Biblioteca Nacional de Florença<sup>11</sup>, o manuscrito dessa sua versão aristotélica, que se sabe ter sido produzido “secundum traductionem Argyropoli”. Essa versão do grego beneficiou de significativa divulgação, tendo sido objecto de estudo em diversas universidades europeias tanto no último quartel do século XV como foi, ainda, objecto de estudo pelo menos até à década de trinta do século seguinte.

Um dos outros “case studies” que poderemos chamar aqui à colacção diz respeito à edição dos *Opera*, de Aristóteles, ocorrida na mesma cidade de Veneza em 1483, nos prelos de Andreas Torresanus (que virá depois a estar ligado familiarmente, como é sabido, a Aldo Manutio). Trata-se de um valioso incunábulo, em três partes que, ainda em começos do século XVI, continuou a ser uma prestimosa fonte de referência para estudos sobre o Estagirita em muitas cidades transalpinas.

Nesses volumes – objecto de primoroso trabalho de iluminura por Girolamo de Cremona, da escola de Mantegna – apresentam-se os resultados do esforço de Nicoletto Vernia (1420-1499). Trata-se de um dos mais destacados averroístas do seu tempo, que foi professor na Universidade de Pádua, centro este que, como se verá adiante, constituiu um dos principais focos da difusão do pensamento aristotélico em Itália.

De acordo com a bibliógrafa Pia Palladino, nessa edição, numa inscrição constante da secção inferior do frontispício da *Física* regista-se: *VLMER ARISTOTILEM PETRVS PRODVXE[R]AT ORBI*<sup>12</sup>, ou seja, “Peter Ugelheimer deu ao mundo [este] Aristóteles”. Indica-se, portanto, que esta publicação foi encomendada e, provavelmente, financiada por Peter Ugelheimer de Francoforte sobre o Meno, rico banqueiro e bibliófilo alemão, então residente em Veneza. Este banqueiro possuía parte da célebre oficina tipográfica

<sup>5</sup> Antoine Augustin Renouard, *Annales de l'Imprimerie des Aldes ou Histoire des Trois Manuces et de leurs éditions*, 3<sup>a</sup>. edição, Paris, 1834.

<sup>6</sup> Prince d'Essling, *Les Livres à Figures Vénitiens de la fin du XV<sup>e</sup>. Siècle et du Commencement du XVI<sup>e</sup>.*, Florença-Paris, 6 tomos, 1908-1914.

<sup>7</sup> Eugenio Garin, “Le traduzioni umanistiche di Aristotele nel secolo XV”, in *Atti e Memorie dell'Accademia Forentina di Scienze Morali “La Colombaria”*, vol. XVI, Nov. Sér. II, Anos 1947-1950, Florença, Ed. Felice Le Monnier, 1951, pp. 57-104. Em 2005, no nosso trabalho atrás referenciado, tivemos ensejo de editar – como documento anexo – uma síntese dos ensinamentos do Prof. Garin (a partir desse seu estudo de 1951).

<sup>8</sup> P. O. Kristeller, “Petrarch's ‘Averroists’: A Note on the History of Aristotelism in Venice, Padua and Bologna”, in *Bibliothèque d'humanisme et Renaissance*, 14, 1952, pp. 59-65.

<sup>9</sup> Catálogo *Manoscritti e Stampe Venete dell'Aristotelismo e Averroismo (Secoli X-XVI)*. *Catalogo di Motra presso la Biblioteca Nazionale Marciana in occasione del XII Congresso Internazionale di Filosofia (Padova e Venezia, Settembre, 1958)*, Veneza, Biblioteca Nazionale Marciana, 1959.

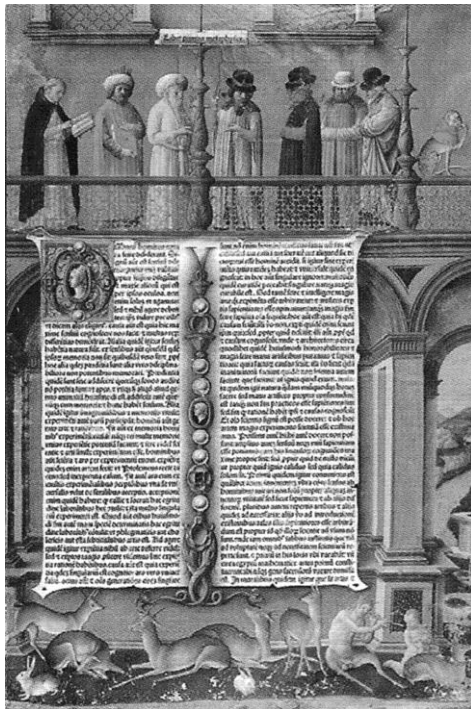
<sup>10</sup> Miroslav Flodr, *Incunabula Classicorum*, edição ant. cit., p. 38, n<sup>o</sup>. 183; Lohr, in *Traditio*, 23, 1967, pp. 400-401; Manuel Cadafaz de Matos, “As edições italianas de Aristóteles...”, edição ant. cit. (2005), pp. 270-271.

<sup>11</sup> Piero Scapecchi, “New light on the Ripoli edition of the *Expositio* of Donato Acciaiuoli”, in *The Italian Book, 1465-1800. Studies presented to Dennis Rhodes on his 70<sup>th</sup> birthday*, edição de Denis V. Reidy, Londres, British Library, 1993, pp. 31-33.

<sup>12</sup> Ver esta inscrição ao fundo da imagem que adiante se apresenta.

dirigida por Nicola Jenson e que, por morte deste, em 1480, foi adquirida por Torresanus<sup>13</sup>.

Nessa histórica edição aristotélica veneziana de 1483 merece uma particular atenção do leitor o trabalho, em iluminura, de Girolamo de Cremona. Importa determo-nos, um pouco, no exemplar desta edição incunabular existente em Nova Iorque na Pierpont Morgan Library.



Página iluminada por Girolamo de Cremona da edição dos *Opera*, de Aristóteles, com o texto harmoniosamente disposto em duas colunas, ocorrida em Veneza, em 1483, na oficina de Andreas Torresanus, fl. 2 (exemplar da Pierpont Morgan Library), à esquerda; Folha iluminada da mesma edição, com particular destaque para o trabalho de Girolamo de Cremona, marcado por Mantegna, à direita

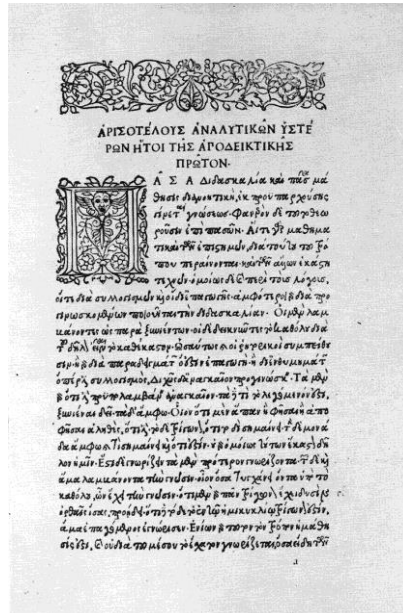
No trabalho de iluminura (que se apresenta, adiante, com maiores dimensões) pode observar-se – e seguimos, aqui, as reflexões de Pia Palladino a este propósito – Aristóteles, sentado em ambiente de paisagem rural, vestido segundo a tradição grega “moderna”. Encontra-se como que a ministrar o seu ensino ao seu comentador árabe, Averróis, à esquerda na imagem e identificado por um turbante. Já na parte inferior desta folha impressa aparece “o outro mundo”, mítico, da Antiguidade, povoado de sátiros e de *putti* em diferentes posições, diante de um monumento em bronze dourado<sup>14</sup>.

Pode referir-se que, na pegada do exímio trabalho tipográfico desenvolvido por Torresanus em Veneza, foi Aldo quem, decerto, levou mais longe, ante o mundo culto do Renascimento, a qualidade técnica da imprensa nessa cidade. Tendo iniciado as suas actividades, neste domínio, em 1495 (e estando activo até praticamente à sua morte em

<sup>13</sup> Pia Palladino, “Aristote...”, in *Venise et l’Orient*, Paris, Institut du Monde Arabe - Éditions Gallimard, 2006, p. 300 (n.º. 17); Lilian Armstrong, «Aristotle, Works; Porphyrius, Isagoge», in Jonathan J. G. Alexander (ed.), *The Painted Page: Italian Renaissance Book Illumination, 1450-1550*, catálogo de exposição, The Royal Academy of Arts, Londres e The Pierpont Morgan Library, Nova Iorque, 1994, pp. 204-205.

<sup>14</sup> Pia Palladino, *op. cit.*, p. 300.

1515) foi ele que se incumbiu da exigente tarefa de impressão do Aristóteles *grego*, em cinco volumes (com o *Organum*)<sup>15</sup>, no que foi auxiliado pelo helenista Alex. Bondinus. Tal sucedeu, como é sabido, em 1495-1498 numa (outra) edição que ainda hoje constitui uma referência entre os trabalhos do Estagirita impressos na época.



Uma das folhas do exórdio da primeira edição do *Organon*, de Aristóteles (Veneza, Aldo Manutio, 1495)

Os inícios da actividade tipográfica de Aldo Manutio em Veneza corresponderam, de algum modo, com o do desaparecimento de um outro difusor do pensamento aristotélico, Ermolao Bárbaro (Hermolaus Barbarus) (1454-1493)<sup>16</sup>. Este humanista veneziano, com efeito, empreendeu aprofundados estudos de filosofia peripatética sobre a natureza e a moral. Como tradutor, desempenhou um papel significativo na difusão do pensador grego que aqui nos congrega. Este apreciador da arte tipográfica de Torresanus, traduziu, por exemplo, as *Paraphrases* de Themistius sobre Aristóteles.

É por demais evidente que, no século XVI, o mundo culto europeu, os seus eruditos e as suas bibliotecas ficaram a dever muito do conhecimento de Aristóteles aos prelos venezianos e paduanos. Aliado ao facto de Veneza ser, nas primeiras décadas desse período, uma zona portuária de charneira na ligação da Europa aos portos do Extremo Oriente – que nem com a descoberta de Vasco da Gama perdeu uma parte da influência de que já desfrutava – nesta cidade a cultura caracterizava-se por uma vivência real, objectiva. A par de impressores, escultores, pintores, miniaturistas, artesãos especializados, alguns dos melhores gravadores transalpinos viveram ou estiveram ocasionalmente em funções nessa urbe.

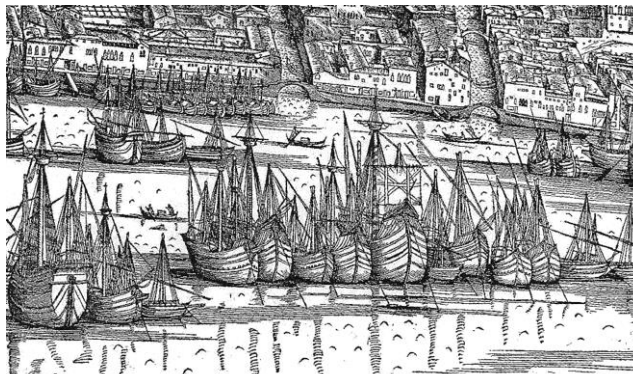
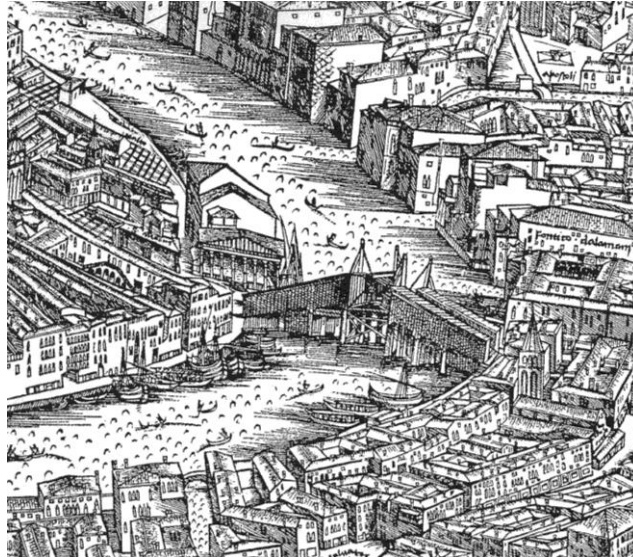
Nesta época de preponderância e afirmação da obra aristotélica, o gravador germânico Jacobo Walch<sup>17</sup> – que os italianos passaram mais tarde a designar como Jacopo de'Barbari – esteve activo em Veneza, onde aliás terá conhecido, em 1494, Albrecht Dürer (que virá a influenciar nos seus traços). Foi precisamente Jacopo de'Barbari quem, entre fins do século XV e inícios do séc. XVI, provavelmente em 1500,

<sup>15</sup> Renouard, edição ant. cit., pp. 7-9.

<sup>16</sup> Lohr, in *Traditio*, 24, 1968, pp. 2.36-2.37; et *DBI*, t. VI, pp. 96-99.

<sup>17</sup> E. Bénézit, in *Dictionnaire critique et documentaire des Peintres, Sculpteurs, Dessinateurs et Graveurs*, Librairie Grund, vol. I, 1976, p. 427, regista que ele «é, sem dúvida, de origem alemã», sendo citado em documentos sob o nome de «Meister Jacob der weylische oder wellische Maler».

estabeleceu e gravou um plano de Veneza *à vol d'oiseau*<sup>18</sup>. Nesse plano da cidade – conforme as imagens que aqui apresentamos documentam – patenteia-se nitidamente a zona de Rialto (onde alguns impressores deste período estavam activos) e, ainda, o porto da mesma cidade, de onde muitas centenas de exemplares de edições aristotélicas saíram à conquista da Europa, penetrando assim em múltiplas universidades do Velho Continente.



Plano de Veneza *à vol d'oiseau* estabelecido pelo gravador germânico Jacopo de'Barbari, podendo-se observar a zona de Rialto, em cima; e a zona portuária da mesma cidade, em baixo

## 2. Algumas das edições aristotélicas venezianas ocorridas na primeira metade do século XVI

Nas primeiras décadas do século XVI continuaram com efeito, em meios universitários venezianos mas não só, a ser seguidas atentamente as versões aristotélicas ali produzidas tipograficamente nesse mesmo período (desde fins do século XV). Tal sucedeu, por exemplo, com a edição de textos científicos como o *De natura animalium* – cuja impressão tinha sido ultimada em Veneza, na oficina de Joannes e Gregorius de

<sup>18</sup> Tal sucedeu antes de Jacopo de'Barbari, antes de ele próprio rumar em direcção ao império germânico, tendo estado ao serviço do imperador Maximiliano.- Estas duas ilustrações venezianas são apresentadas no já referido catálogo *Venise et l'Orient*, pp. 60 e 76.

Gregoriis, em 18 de Novembro de 1492<sup>19</sup> - ou com o *Libro de Caelo et Mundi*<sup>20</sup>, cuja impressão foi terminada não muito tempo depois, em 18 de Agosto de 1495, na mesma cidade, mais precisamente na oficina de Bonetus Locatellus, para Octaviano Scoto.

Esta produção tipográfica de Veneza não se destinava apenas, como referimos atrás, a servir o mercado dos estudantes ou investigadores naquela cidade. Quanto a exemplos de obras que seguiram nesse âmbito, em direcção ao mercado externo, situam-se precisamente os soberbos exemplares do *Organum* – com impressão terminada em 1 de Novembro de 1495 na oficina de Aldo Manutio<sup>21</sup> – de que se conhecem várias cópias que pertenceram e foram utilizados até meados do século XVI em meios universitários na bacia do Mediterrâneo e em outras potências como França, Inglaterra, Castela e Portugal.

## 2.1. Das edições de Pietro Alcionio às de Alessandro Achillini

Pietro Alcionio<sup>22</sup> é outro nome que importa reter na difusão do pensamento aristotélico do Renascimento, e de igual modo relacionado com o promissor mercado bibliográfico desta mesma região transalpina. Tendo nascido provavelmente em Veneza c. de 1487 (o ano da morte do helenista Argirópulo), durante a sua juventude trabalhou ao serviço da oficina de Aldo Manutio naquela cidade.

Sabe-se que Alcionio foi um conhecedor, crê-se mesmo que profundo, da língua grega (à semelhança de um significativo número de humanistas do seu tempo), para além de múltiplos outros interesses que tinha<sup>23</sup>. Traduziu, assim, do grego para o latim tratados de Aristóteles como os *De anima*, *Parva naturalia* e *De generatione et corruptione*, chegando mesmo a ser editado fora de Itália<sup>24</sup>.

Na circulação de algumas das obras de Aristóteles impressas neste período ocorrem, ainda, outros factos dignos de registo. São seus protagonistas impressores como Bernardino e Mattheo Vitali, ou homens de ciência como o médico Alessandro Achillini.

No primeiro semestre de 1523, com efeito, Bernardino e Mattheo Vitali conseguiram obter, junto das entidades eclesiásticas venezianas, o privilégio para a impressão e difusão comercial do tratado de Aristóteles, *Parva Naturalia*<sup>25</sup>. É bem sabido, afinal, como esta edição conheceu, ao longo de todo o século XVI, uma significativa popularidade em meios estudantis que não apenas em terras transalpinas.

Não foi esse, porém, o único caso de sucesso na primeira metade do século XVI, no tocante a uma extraordinária difusão dos textos aristotélicos. Após vários anos de pesquisa nos principais tratados do Estagirita, Alessandro Achillini<sup>26</sup> (que tinha nascido c. de 1487 em Veneza), terminou com êxito a preparação dos *Opera Omnia*, que também beneficiou de uma significativa aceitação.

---

<sup>19</sup> Prince d'Essling, *Livres à Figures Venetiens*, edição ant. cit., I Parte (II.1.), p. 124, n.º. 677

<sup>20</sup> Idem, *ibidem*, I Parte (II. 2), p. 272, n.º. 858.

<sup>21</sup> Prince d'Essling, *op. cit.*, I Parte (II.2), n.º. 862, pp. 275-276.

<sup>22</sup> Voir *DBI*, t. II, pp. 77-80.

<sup>23</sup> Quando contava cerca de 35 anos – e servindo-se, provavelmente, da relação antiga que já tinha com um dos seus antigos empregadores (ou mesmo mestres) – viu ser editada, em Novembro de 1522, na oficina de Aldo Manutio e de Andre Asulano – uma obra sua intitulada *Legatus de exsili*. Remete-se, ainda, para Adams, n. 633 (t. I, p. 21).

<sup>24</sup> É conhecida uma edição que Alcionio preparou da *Historia Animalium*, de Aristóteles, ocorrida já fora de Itália, mais precisamente em Paris, na oficina Simon de Colines, em 1524, de três anos antes do seu falecimento. Veja-se, a este respeito, Adams, n.º. 1768 (t. I, p. 62).

<sup>25</sup> Prince d'Essling, *op. cit.*, II Parte (II), n.º. 2202, p. 465.

<sup>26</sup> Trata-se de um médico de Bolonha, que viveu entre 1463 e 1512. Ele foi, além de homem de ciência, também filósofo. Cfr. Lohr, pp. 5-6; e H. S. Matsen, *Alessandro Achillini (1463-1512)*, Lewisburg, 1974.



Retrato de Achillinus, constante da edição dos *Elogia*, de Paolo Giovio, de 1577

Dotado de uma cultura filosófica vasta (na esfera do pensamento tardo-medieval<sup>27</sup>), Achillinus foi surpreendido pela morte em 1527. Os textos por si fixados, porém, só vieram a ser publicados em letra de forma, na oficina de Hieronymum Scotum, em 1545<sup>28</sup>. Ele já não pôde saborear, portanto, o acolhimento desses textos impressos em meios universitários, para além de Veneza, em muitas outras cidades universitárias no período quinhentista.

## 2.2. Das edições de Marcantonio Zimara às de Alessandro Piccolomini

Uma sorte idêntica teve o esforço de Marcantonio Zimara (c. 1475-1532)<sup>29</sup>. Este filósofo italiano (que nasceu c. de 1475) esteve activo em diferentes universidades transalpinas. A sua vida não foi, porém, muito longa, vindo a falecer em 1532, após intenso trabalho intelectual.

Uma parte dos seus estudos aristotélicos foram editados, tal como sucedeu com Alessandro Achilinni – a título póstumo. A elevada qualidade desses trabalhos levou a que eles fossem sendo reimpressos, com alguma frequência, ao longo de várias décadas do século XVI.

Dos esforços de Zimara na difusão dos principais tratados do Estagirita retenham-se, apenas e em termos de síntese, dois meros exemplos. A obra *Tabula, & dilucidationes in dicta Aristotelis & Averrois* teve impressão em Veneza em 1556 e 1558. Alguns anos mais tarde, em 1565, a mesma saiu ainda reimpressa nessa cidade, na oficina de Ioannes Gryphius<sup>30</sup>.

Alessandro Piccolomini foi um outro erudito votado aos estudos filosóficos, tendo as obras de Aristóteles beneficiado de muito do seu labor. Tendo nascido em 1508, foi desde muito novo destinado à carreira eclesiástica. Ocupou, muito mais tarde,

<sup>27</sup> Deve-se de igual modo a Alessandro Achilinni uma renovação do interesse pela obra de Guillaume d'Ockham, c. de 1500.

<sup>28</sup> Adams, n.º. 113 (t. I, p. 4).

<sup>29</sup> Ver Lohr, pp. 504-512; e A. Antonaci, *Ricerche sull'aristotelismo del Rinascimento*, Galatina, 1971-1978.

<sup>30</sup> Adams, *op. cit.*, t. II, p. 357. Uma outra edição de Zimara que conheceu, na segunda metade do período de quinhentos, uma significativa popularidade foi a intitulada *Limitationes Theorematum* (que também saiu impressa em Veneza).



o cargo de Arcebispo de Patras.

Em Veneza teve lugar, em 1565, sob a sua responsabilidade, a 1.<sup>a</sup> edição de *Parafraasi di Monsignor Alessandro Piccolomini... Sopra le Mekaniche d'Aristotile, tradotta da Oreste Vannocci Biringucci, Gentilomo Senese*. Tal obra veio a ser reeditada em Roma, na oficina de Francesco Zannetti, em 1582.

Esta edição italiana, dada a matéria que comporta, acompanharia posteriormente, e em algumas circunstâncias específicas, certos textos de Galileu<sup>31</sup>. Chegou a circular, inclusivamente, entre missionários europeus que laboravam na evangelização da China<sup>32</sup>.

Alessandro Piccolomini veio a falecer em 1578. Pouco depois da sua morte a referida obra (que produziu a partir da tradução parcial de textos de Aristóteles por Oreste Vannocci Biringucci) veio ainda a ser reeditada.

### 2.3. Das edições aristotélicas de Giovanni Camozzi às de Ludovico Castelvetro e de Petrus Pomponatius

Um outro intelectual também fortemente apostado na difusão do pensamento aristotélico em Veneza foi Giovanni Battista Camozzi (Ioannes Camotius) (1515-1581)<sup>33</sup>. Editor e tradutor italiano, ele também ensinou Filosofia em várias universidades de Itália. Deve-se-lhe a edição *Aldina minor* de Aristóteles, ocorrida em Veneza em 1551-1553.

Debruçando-se sobre este pensador, Adams referencia a sua edição em letra de forma – que terá ocorrido entre 1550 e 1551 – intitulada *Commentariorum in primum Metaphysices*. Os trabalhos tipográficos estiveram, neste caso, a cargo de Federicum Turrisanum<sup>34</sup>.

Um outro tradutor italiano de trabalhos do Estagirita foi Ludovico Castelvetro (que nasceu c. 1505)<sup>35</sup>. Como filólogo, tendo-se ocupado, de igual modo, como crítico literário, Castelvetro distinguiu-se – antes de falecer em 1571 – pela publicação de duas outras obras, uma sobre “o dialogo delle lingue di B. Varchi”, e outra sobre uma “canzone di A. Caro”<sup>36</sup>.

Petrus Pomponatius, por seu lado, foi um intelectual mais apostado em trabalho de fundo sobre os textos originais de Aristóteles. Ele principiou a dar testemunho dos seus estudos filosóficos desde muito cedo. Já em 1516 deu à estampa em Bolonha, na oficina de Justiniano Leonardo Ruberiense, o *Tractatus de immortalitate animae*<sup>37</sup>.

Tendo tido uma assinalável longevidade na circulação dos seus trabalhos, Pomponatius beneficiou, cerca de cinco décadas depois, mais precisamente em 1563, da impressão, na cidade de Veneza, de um dos seus mais conhecidos trabalhos. Trata-se de *Dubitationes in quartum Meteorologicorum Aristotelis librum*<sup>38</sup>, que fez dele um dos reputados divulgadores e estudiosos da obra do Estagirita. Sabe-se que este traba-

---

<sup>31</sup> Daí que esta obra possa surgir, também, acompanhada (numa mesma encadernação) com o *Discorso intorno alle cose, che stanno in sù l'aqua, o che in quella si muouono*, Florença, 1612. Tal sucedeu, por exemplo, no exemplar que existiu na colecção da biblioteca de Pé-T'ang, em Pequim (descrita na nota sgt.)

<sup>32</sup> *Catalogue de la Bibliothèque du Pé-T'ang* [em Pequim], a cargo de Verhaeren, Pequim, Imprimerie des Lazaristes, 1949, p. 990 : n.º. 3400.

<sup>33</sup> Cfr. *CTC*, t. I, p. 100.

<sup>34</sup> Adams, n.º. 463 (t. I, p. 233).

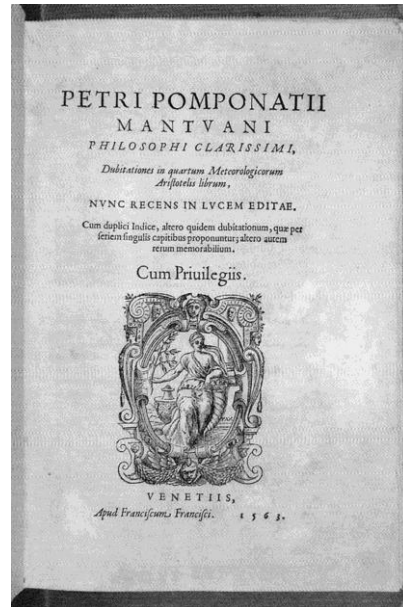
<sup>35</sup> Cfr. *DBI*, t. XX, pp. 8-21. A versão para italiano e o respectivo comentário da *Poética*, por Ludovico Castelvetro (como helenista), foram bastante lidos no seu tempo, tendo sido particularmente influentes até ao século XIX.

<sup>36</sup> Adams, n.ºs. 922-923 (t. I, p. 250).

<sup>37</sup> Adams, *op. cit.*, vol. II, n.º. 1828, p. 105.

<sup>38</sup> Idem, *ibidem*, n.º. 1832, p. 105.

Iho foi bastante apreciado e seguido quer em meios académicos de Veneza quer no centro aristotélico-averroísta de Pádua.



Gravura de Pomponatius, constante da edição dos *Elogia*, de Paolo Giovio, de 1577, à esquerda; e frontispício do livro sobre os *Meteorologica*, de Aristóteles, preparado por Pomponatius e editado em Veneza, em 1563, à direita

Registe-se, finalmente, que na Veneza quinhentista foram ainda apreciados os contributos bibliográficos trazidos à causa da difusão do Estagirita por parte de Andrea Cesalpino e de Giambattista Bernardi.

Andrea Cesalpino (Andreas Caesalpinus) (1524/1525-1603)<sup>39</sup> foi um médico, filósofo e botânico italiano que ensinou em várias universidades. Entre os estudos que legou à posteridade destacam-se, neste âmbito, uma edição das *Peripateticae quaestiones* (Veneza, Giunta, 1571<sup>40</sup>), que foi bastante apreciada tanto em Itália como, até, na Europa do norte.

Quanto a Giambattista Bernardi (Johannes Baptista Bernardus) de registar, ainda, que este filósofo e jurista italiano, na segunda metade do século XVI, deixou também o seu nome associado a estudos sobre Aristóteles. Entre 1570 e 1585 ele produziu uma compilação intitulada *Seminarium totius philosophiae*<sup>41</sup>, que terá sido editada, um pouco antes de falecer, entre 1582 e 1585. Deste vasto trabalho temos conhecimento apenas da edição *Seminarium totius philosophiae Aristotelicae et Platonica*, ocorrida em Veneza, na oficina de Melchior Sessa, em 1599<sup>42</sup>.

Pelo exposto é possível estabelecer que as oficinas tipográficas de Veneza tiveram equipamentos e pessoal qualificado para, ao longo de todo o século XVI – e, neste sentido, dando seguimento ao que havia ali ocorrido no último quartel do período quatrocentista – levar por diante a impressão de muitas obras de pendor aristotélico. Im-

<sup>39</sup> Cfr Lohr, pp. 70-71.

<sup>40</sup> Esta obra foi objecto de reedição na cidade de Bruxelas, “Culture et Civilization”, 1973.

<sup>41</sup> Cfr. G. M. Mazzuchelli, *Gli Scrittori d'Italia*, Bréscia, 1753-1762, t. II, pp. 966-967. De assinalar que Adams (in *op. cit.*, I, n.º. 787, p. 446) referencia um tal Giovanni Bernardo Forte, que na mesma cidade de Veneza fez editar, em 1522, na oficina de Alexandrum de Bindonis, uma obra intitulada *Vocabulista ecclesiastico latino e vulgare* [Vocabularius].

<sup>42</sup> Adams n.º. 743, t. I, p. 115; há uma segunda edição desta obra (idem, n.º. 744) apontada pelo mesmo bibliógrafo como de Genève, do mesmo ano.

portava, com efeito, que estas passassem ao terreno do impresso de forma a atingirem, pela técnica da reprodutibilidade textual, os mais variados públicos não só transalpinos como um pouco os de toda a Europa.

#### **2.4. As fontes manuscritas e impressas (incluindo as aristotélicas) que graças ao Cardeal Bessarion integraram a Biblioteca Marciana**

Recuando no tempo, até fins do século XV, não é possível estruturar uma perspectiva de conjunto dos estudos aristotélicos na Veneza quinhentista sem nos debruçarmos, de igual modo, sobre a importância dos fundos bibliográficos da Biblioteca Marciana desta cidade, que tinham encontrado no Cardeal João Bessarion (Trebizonda, 1403 – Ravena, 1472) um elemento a todos os títulos *fundador*.

De registar que Bessarion – possuidor ele próprio de uma grande biblioteca – tinha sido enviado (quando contava 50 anos) pelo Papa Pio II a Constantinopla como emissário da cristandade junto dos ortodoxos. Tendo esta cidade sido atacada pelos Turcos a 29 de Maio de 1453, acabou por ficar no domínio do exército otomano. Este enviado papal acabou por fugir daquela cidade, levando consigo um conjunto de importantes manuscritos (entre os quais um dos mais antigos testemunhos do Almagesto).

Tendo chegado a Veneza – numa fuga um tanto precipitada – João Bessarion acabou por doar, então, esse valioso tesouro bibliográfico com um total de 746 manuscritos, aquela cidade dos doges. Tratava-se nada mais nada menos de 482 manuscritos em grego e de 246 em latim. Esse gesto constitui, no fundo, a base da fundação da histórica biblioteca de S. Marcos ou Marciana, daquela cidade<sup>43</sup>. É nos fundos aristotélicos que a integram que hoje os historiadores do livro e da edição quinhentista encontram um dos mais ricos mananciais para o seu estudo.

### **3. Linhas de sensibilidade da iconografia aristotélica na Veneza quinhentista: o contributo de M. Falomir**

Enquanto ocorria em Veneza esta significativa caminhada intelectual em torno da difusão dos trabalhos de Aristóteles, foi também aí manifesta a procura ou tentativa de *reconstituição* da sua vera efigie, a partir de alguns testemunhos (mesmo que indirectos) que haviam chegado da Antiguidade *Clássica*. Alguns impressores activos nessa cidade, como por exemplo Hieronimus Scotum, partilharam desta mesma procura.

Em 1560, foi dada à estampa, na oficina tipográfica deste membro do clã veneziano dos Scotos, a obra de Aristóteles, *Augustini Svesani ... Subtilissima Commentaria in Libros Meteorologicorum, & in librum de Mistis sive Quartum Meteororum ab antiquis nuncupatum & ordinatum...* Para o respectivo frontispício, que aqui reproduzimos, o impressor escolheu uma gravura ovaloide que então fez acompanhar da inscrição *VERA ARISTOTELIS STAGIRITAE EFIGIES*<sup>44</sup>.

Esta forma de representação – manifestamente na distância dos séculos (em que o filósofo viveu) e um tanto de carácter ficcional – não deixa, no entanto, de se afirmar como bebendo, de alguma forma, de uma *traditio* de representação do Estagirita, vigente tanto nessa cidade como em Florença e outras urbes cultas transalpinas.

---

<sup>43</sup> *Biblioteca Marciana, Venezia*, sob os cuidados de Mariano Zorzi, Florença, Nardini Editore, 1988, pp. 18-24; uma síntese sobre esta matéria pode ser consultada ainda com proveito in “Moyen Âge, Le Nouveau regard des chercheurs”, por Azar Khalatbari (“Sur les pas des aventuriers du savoir”), in *Science et Avenir*, Hors Série, n.º. 155, Julho-Agosto de 2008

<sup>44</sup> Esta imagem é recolhida de *Manoscritti e Stampe Venete dell' Aristotelismo e Averroismo (Secoli X-XVI)*, *Catalogo di Mostra*, Veneza, Biblioteca Marciana, 1958, fig. 13.

Ao longo dos últimos decénios estes aspectos da tradição iconográfica aristotélica quinhentista vieram a conhecer significativos desenvolvimentos, desde Coppel<sup>45</sup> a Miguel Falomir. É precisamente baseado neste segundo autor<sup>46</sup> que procuramos apresentar, aqui, com a devida vénia, um estado de ciência de alguns dos mais pertinentes conhecimentos neste âmbito.

Existe, com efeito, no Museu do Prado, em Madrid, um retrato de Aristóteles, em mármore (62 x 56 x 5 cm), que é datado de c. 1545, que M. Falomir caracteriza como sendo de um “taller veneziano”, possivelmente do “círculo de Vincenzo Grandi”. Segundo este historiador de Arte, tal retrato foi propriedade de Diego Hurtado de Mendoza (1504-1575), poeta, bibliófilo, antiquário e embaixador imperial em Veneza, entre 1539 e 1546, período em que se mudou para Roma.

Voltando-se um pouco atrás, e observando-se a pretendida *vera efigie* de Aristóteles que Hieronimus Scotum, em 1560, apresentou no frontispício daquela sua edição do Estagirita, facilmente se conclui que ela se insere numa mesma família de representações iconográficas do filósofo grego então vigentes na Itália levantina.



A *vera efigie* de Aristóteles, em gravura utilizada pelo impressor Hieronimus Scotum, em Veneza, 1560, à esquerda; e retrato de Aristóteles, em mármore, de c. 1545, de “oficina veneziana”, prov. do círculo de Vincenzo Grandi, à direita.

Esta representação em mármore fazia par com um retrato de Platão, também no Museu do Prado, tendo ambos sido doados por Mendoza a Filipe II. Não deixa de se relevar, com efeito, que se tratava de um dignitário das mais altas instâncias do poder político filipino<sup>47</sup>.

Só o interesse filosófico em Hurtado de Mendoza – que, segundo Paez de Castro, foi um grande aristotélico – permite explicar, na óptica de M. Falomir, a presença entre os seus bens de retratos de pensadores como estes (esculpidos e estampados em tecido), bem como de uma “pintura da Filosofia”.

Este historiador de Arte estabelece neste mesmo âmbito, por outro lado, que Mendoza foi autor de uma tradução da *Mecânica*, de Aristóteles. Na respectiva dedica-

<sup>45</sup> Vide R. Coppel, *Museo del Prado. Catálogo de la Escultura de Época Moderna. Siglos XVI-XVIII*, Madrid, 1998. Nas suas deambulações sobre este tema, M. Falomir seguiu, inclusivamente, algumas das informações dadas por Coppel nesta matéria.

<sup>46</sup> Miguel Falomir, “Aristóteles, c. 1545”, in *El Retrato del Renacimiento*, edição de catálogo de exposição a cargo precisamente de M. Falomir, Museu Nacional do Prado / Ediciones El Viso, Madrid, 2008, p. 301.

<sup>47</sup> Remete-se o leitor, entre outra abundante bibliografia neste vasto âmbito, para Henry Kamen, *Filipe I, o Rei que uniu Portugal e Espanha*, Lisboa, A esfera dos Livros, 2008; ou ainda para *Filipe I*, por Fernando Bouza e para *Filipe II*, por Fernanda Olival, ambas editadas em Lisboa com a chancela de Perspectivas e Realidades.

tória, dirigida ao Duque de Alba<sup>48</sup>, teve ensejo de assinalar os propósitos desta sua empresa como trasladador do trabalho vertente do Estagirita:

*Mi principal propósito ha sido ocupar el tiempo [...] en ver y reconocer las obras de Aristóteles por los intérpretes y testos, que han venido a mi mano.*

De assinalar, ainda, que a predileção de Mendoza pelo filósofo se reflectiu também na sua biblioteca, tão rica em obras deste e sobre este autor<sup>49</sup> que a pôs à disposição da Academia Aristotélica, criada por alguns dos que haviam assistido aos trabalhos do Concílio de Trento<sup>50</sup>.

Voltando nós a este busto de Aristóteles, M. Falomir – seguindo, neste contexto, as indicações de Cott – estabelece que estamos perante uma réplica de um relevo anónimo florentino do século XV<sup>51</sup>. Trata-se, afinal, do relevo dado ao Estagirita que desfrutou de uma certa difusão em Veneza na primeira metade do século XVI. Testemunho iconográfico chegou ao terreno da gravura, do que é um claro testemunho a imagem (a que atrás aludimos) utilizada em livro por Hieronimus Scotum em 1560.

São conhecidas hoje, em particular devido a F. de Gramatica – regista de igual modo esse historiador de Arte espanhol – várias versões em mármore desse retrato de Aristóteles, sempre em parelha com o de Platão. O melhor par conhecido conserva-se no palácio arcebispal em Trento, sendo atribuído ao escultor Vincenzo Grandi (c. 1493-1577/1578)<sup>52</sup>.

Comparativamente a esta representação aristotélica de Trento segue-se, em qualidade, a do Museu do Prado, de medidas praticamente idênticas, e a certa distância dos exemplares algo semelhantes existentes em cidades como Munique ou Paris.

M. Falomir conclui – a propósito da autoria deste exemplar (existente no Museu do Prado) por um artista do círculo veneziano de Vincenzo Grandi – que abona, a tal propósito, a presença de Mendoza, em Trento, durante as sessões inaugurais do referido concílio, em 1545.

---

<sup>48</sup> Também o Duque de Alba e sua Esposa foram intelectuais de significativos interesses. Ficaram associados, como em estudo recentemente produzido tivemos ensejo de apurar, às edições das *Obras* de Frei Luís de Granada em terras da Flandres.

<sup>49</sup> Os fundos da rica biblioteca de Diego Hurtado de Mendoza – como salientou já em fins do século XIX António Rotondo e como sublinha agora M. Falomir (que aqui continuamos a seguir) – ingressaram na biblioteca do Convento do Escorial em 1576. Tais fundos específicos contavam então, entre obras de Aristóteles e comentários às mesmas, com 16 manuscritos latinos, 22 manuscritos gregos, um árabe e mais de uma centena de edições impressas latinas. – As investigações de M. Falomir, neste âmbito, podem também ser perspectivadas no estudo que este historiador apresenta in Checa Cremades *et al.*, *Filipe II. Un monarca y su época. Un príncipe del Renacimiento* [catálogo de exposição], Madrid, Museu do Prado, 1998, n.ºs. 253-254, pp. 632-634.

Em estudos que estamos de momento a desenvolver, assinalamos a importância desta biblioteca “aristotélica” de Diego Hurtado de Mendonça no sentido de uma reconfirmação – na segunda metade do século XVI – do pensamento do Estagirita na Península Ibérica, inclusivamente no pensamento português da época.

Ainda em relação aos fundos da biblioteca de Diego Hurtado de Mendoza no Escorial, António Rotondo, na sua obra *Descripción de la Gran Basílica del Escorial*, 4.ª edição, Madrid, Imprenta de Cuevas y Minuesa, 1868, p. 96, assinala que – tendo “a base desta biblioteca sido a livraria pessoal de Filipe II, com a riqueza de 4000 volumes” – acabaram por o “imitar, nobremente, D. Diego de Mendoza, embaixador que foi em Veneza e logo em Roma, e depois deste muitos outros homens estudiosos, até completar 19000 volumes”.

<sup>50</sup> Registe-se que o Concílio Ecuménico de Trento ocorreu nesta cidade italiana entre 1545 e 1547; de seguida em Bolonha de 1547 a 1549 e numa terceira fase uma vez mais em Trento entre 1551 e 1552 e entre 1562 e 1563. Pode concluir-se, assim, que quando Diego Hurtado de Mendoza se mudou (nas suas funções diplomáticas ao serviço do império) de Veneza para Roma, em 1546, estavam a decorrer os trabalhos finais da primeira fase daquele Concílio, em Trento.

<sup>51</sup> P. B. Cott (referenciado por M. Falomir), *Renaissance Bronzes from the Kress Collection*, Washington D. C., National Gallery, 1951, n.º. A 279. 2b, p. 63.

<sup>52</sup> F. de Gramática (referenciado por M. Falomir), “Fonti figurative nella cantoria di Vincenzo e Gian Gerolamo Grandi in Santa Maria Maggiore a Trento”, in *Studi trentini di scienze storiche*. Sezione II, LXX, (1991) [1995], pp. 217-274, em particular in pp. 233-238.

Este historiador não deixa de referenciar, ainda, um contributo de C. Davis. Foi assinalado recentemente, com efeito, existir alguma semelhança entre estas parselhas de filósofos gregos e o auto-retrato de Valério Belli (Londres, Victoria & Albert Museum). E mesmo que não se tenha proposto a autoria de Belli para os relevos outrora pertencentes a Mendoza, fez-se notar que o embaixador espanhol adquiriu nesse período em Veneza numerosas encadernações que incluíam reproduções de medalhas e plaquetas de Belli<sup>53</sup>.

Pode estabelecer-se, em suma, que na Veneza quinhentista alguns intelectuais, incluindo filólogos, exegetas, tradutores (e alguns artífices num plano técnico) procuraram dar corpo à *reconstituição* dos textos dos principais tratados de Aristóteles que, até aí, muitas vezes circulavam apenas na língua grega matricial. Num outro plano – e entrando-se já mais especificamente na História do Livro – pode referir-se que alguns outros artistas procuraram, nesse mesmo período, proceder a um outro nível de *reconstituição*, ou seja, o da tentativa de fixarem – mesmo que a um nível abstracto e ficcional – a vera efigie do Estagirita.

#### **4. O centro universitário de Pádua como um dos focos de difusão do aristotelismo e do averroísmo transalpino**

Não restam hoje dúvidas aos estudiosos do aristotelismo renascentista que, em terras transalpinas, a cidade e a universidade de Pádua foi o lugar onde se perpetuou, em maior dimensão, essa vertente do pensamento helénico e do averroísmo em particular.

Sabe-se através de autores contemporâneos, como A. de Libera, que o aristotelismo medieval, na Europa, se propagou fundamentalmente através do averroísmo, o mesmo será dizer, por via de tradutores árabes. Assim, é por demais evidente que a alguns centros medievais dos séculos XII e XIII (com significativas escolas de tradutores) como Toledo, correspondem, já em fins do século XV, centros de afirmação do aristotelismo averroísta como Pádua (e até, de algum modo, outros como Veneza).

##### **4.1. As amplas extensões do averroísmo em países da franja do Mediterrâneo**

Existem curiosamente, até, documentos que fazem a ligação entre esses centros averroístas de Toledo e os transalpinos. Nos fundos manuscritos da Biblioteca Marciana, de Veneza, há um códice membranáceo do século XIV – porventura proveniente de S. Giovanni da Verdara, Pádua – contendo, entre 27 textos (a maioria deles de matriz aristotélica e pseudo-aristotélica), o *De differentia*<sup>54</sup>.

No aludido códice (fls. 278v<sup>o</sup>.-383v<sup>o</sup>.) o copista deixou bem claro esse ponto de contacto entre os dois referidos *caminhos* de tradução (o de Toledo e o transalpino, de Pádua):

*De differentia, “transl. hispalensis” ... In dei nomine et eius auxilio incipit liber differentie inter animam et spiritum. Constabe Luce cuidam amico scriptori cuiusdam regis edidit et Iohannes Hispalensis ex arabico in latinum Raimundo tholetano archiepiscopo tradidit*<sup>55</sup>.

---

<sup>53</sup> C. Davis, “Ritratti di Valerio Belli”, in *Il ritratto nell'Europa del Cinquecento*, edição por A. Galli, C. Piccinini e M. Rossi, Florença, 2007, pp. 243-277, em particular pp. 271-275.

<sup>54</sup> [*Metaph., Natur., Animal., Ps.-Arist.* (lat.): trad. recentiores], Veneza, Bibl. Marciana, Cod. Lat. VI, 33 (=2462), n<sup>o</sup>. 14 (de 27), *De Differentia*.- Este códice encontra-se descrito no já referido catálogo *Manoscritti e Stampe Venete dell'Aristotelismo e Averroismo (Secoli X-XVI)*, Veneza, Biblioteca Marciana, 1958, n<sup>o</sup>. 86, pp. 56-57.

<sup>55</sup> Este códice terá sido adquirido em Veneza em 1437, passou a integrar o cenóbio de S. Giovanni de Verdara em 1467 e, mais de três séculos depois, em 1782, foi incorporado nos fundos da Biblioteca Marciana

#### 4.2. Dos trabalhos impressos de Canozio e do averroísta Nicoletto Vernia ao de Ulocrino (evocando Alexandre de Afrodísia)

A existência deste códice nos fundos pergamináceos de S. Giovanni da Verdara, (integrado, repetimos, nas colecções daquela instituição da região de Pádua em 1467) leva a admitir, pelo menos, o cenário se essa fonte não terá sido, também, objecto das pesquisas quer de L. Canozio quer do averroísta Nicoletto Vernia (1420-1499), este último, como também já dissemos, quando das suas funções docentes em Pádua.

Importa ter presente, com efeito, que c. de 1473, nessa cidade, a instâncias do filósofo aristotélico L. Canozio (e com alguns comentários seus), foi impressa a obra do Estagirita *Physica*, comentada por Averróis. Tal sucedeu em caracteres góticos como era usual na época.

Desta edição conserva-se, ainda hoje, um exemplar na biblioteca Ariosteia de Ferrara. Apresenta várias folhas iluminadas, considerando-se um cimélio (pela sua antiguidade e aspecto precursor) de uma importância admirável.



Frontispício da *Física* de Aristóteles, com comentários de Averróis, na edição de L. Canozio (Pádua, c. 1473)

Há elevados níveis de probabilidade, com efeito, de Nicoletto Vernia ter procedido à leitura do referido códice (outrora existente em S. Giovanni da Verdara). A existência de uma temporalidade sincrónica entre a sua produção dos *Opera* de Aristóteles – que, na fase de manuscrito, foram encaminhados para a oficina de Torresanus em Veneza entre 1482 e 1483 – permite ajuizar neste mesmo sentido.

Foi efectivamente enquanto professor da Universidade de Pádua que Nicoletto Vernia concebeu o ambicioso projecto de proceder à edição dos *Opera*, de Aristóteles. Depois da respectiva negociação com Torresanus<sup>56</sup>, na dita cidade veneziana, esse projecto acabou por vir a público em três partes, em várias fases de edição (inserindo a impressão da *Física*), entre Fevereiro e Outubro de 1483<sup>57</sup>. Este seu trabalho antece-

(onde tivemos ensejo de o consultar há mais de duas décadas, quando de uma nossa missão de pesquisa, financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian, naquela cidade).

<sup>56</sup> Além de Andrea Torresanus, também participou na impressão desta obra incunabular, conforme se regista na mesma, o tipógrafo Bartolomeo de'Blavi.

<sup>57</sup> Um exemplar, truncado, desta obra – que pertence ao Mosteiro da Santíssima Trindade, de Lisboa – integra hoje as colecções de incunábulo da Biblioteca Nacional de Portugal. Remete-se para Maria Valentina Mendes, *Catálogo de Incunábulo, Biblioteca Nacional*, Lisboa, 1988, n.º. 126, p. 58; e idem (co-

deu, portanto, os esforços editoriais dos *Opera*, do Estagirita-Averróis, empreedidos por Leonardus Brunus Aretinus<sup>58</sup> e, ainda, a publicação do tratado *De Animalibus*, com texto fixado por Teodoro de Gaza (1400-c. 1476), em edição de Sebatianus Manilius<sup>59</sup>.

Nicoletto Vernia foi, com efeito, um dos mais destacados averroístas do seu tempo. Os seus ensinamentos editoriais – para além das suas classes paduanas – tornaram-se obviamente extensivos a todos os centros universitários tardo-medievais (ou, se se preferir, dos alvares do Renascimento) europeus, que não apenas transalpinos, onde esses volumes circularam, com proveito dos estudiosos.

A preocupação (em termos diacrónicos) que em fins do século XV motivou os religiosos eruditos de S. Giovanni da Verdara a *revisitar* as traduções aristotélicas (a partir do árabe), feitas nos sécs. XII-XIII em Toledo, é a mesma que levou, no período de transição do século XV para o XVI os eruditos aristotélico-averroístas paduanos a *revisitar* Alexandre de Afrodísia. Como é sabido, este outro Alexandre – também ele ligado a Aristóteles (desta feita como comentador) – viveu no século III e foi, naquele período recuado, um dos mais distintos analistas e divulgadores da obra do Estagirita.

Não muito depois do período em que Nicoletto Vernia desenvolveu em Pádua um intenso trabalho pedagógico e de análise aos comentários de Averróis a Aristóteles, o escultor paduano Ulocrino produziu uma curiosa placa, em relevo, representando precisamente (como a imagem documenta) um *encontro* simbólico entre Aristóteles e o referido Alexandre de Afrodísia.



Placa de Ulocrino representando Alexandre de Afrodísia e Aristóteles, à esquerda;  
Pormenor de iluminura representando Aristóteles e um sábio árabe, numa das folhas da edição dos *Opera*  
do filósofo grego (Veneza, 1483)

---

ord<sup>o</sup>.), *Os Incunábulo das Bibliotecas Portuguesas, volume I, catálogo, 1995*, Lisboa, Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro – Secretaria de Estado da Cultura, “Inventário do Património Cultural Móvel”, 1995, n.º. 162, p. 72.

<sup>58</sup> Entre 31 de Janeiro e 5 de Setembro de 1489 (portanto cerca de seis anos antes de Aldo Manutio iniciar as suas actividades tipográficas nessa cidade), Leonardo Bruno Aretino viu serem impressos em Veneza, na oficina de Bernardino Stagnino, os *Opera* de Aristóteles com os comentários de Averróis, de que também existe cópia na Biblioteca Nacional de Portugal. – Ver Maria Valentina Mendes, catálogo ant. cit. (1988), n.º. 127, pp. 58-59.

<sup>59</sup> Maria Valentina Mendes, catálogo ant. cit. (1988), n.º. 128, p. 59. A esta matéria aludimos sumariamente em 2005, no estudo “As edições italianas de Aristóteles nas três últimas décadas do século XV” (in *A Apologia do Latim*, pp. 267-270).



Essa placa, dos últimos anos do século XV ou dos primeiros do século XVI – da qual existe um exemplar em Veneza, no Museo Cívico Correr – ostenta, sintomaticamente, a inscrição *ALEX APH* (folha) *ARIS*, ou seja, referente ao nome daquele filósofo medieval.

Trinita Kennedy, tendo analisado esta placa, conclui que “este relevo parece tributário à composição do frontispício do primeiro volume da edição veneziana de 1483 dos *Opera* de Aristóteles, existente na Pierpont Morgan Library, de Nova Iorque”<sup>60</sup>. Aí encontra-se representado, com efeito, um dos mais distintos e respeitados comentadores da obra do Estagirita, Averróis, escutando a lição do mestre.

Esta investigadora detém-se, a dado passo, nos modos distintos como se encontram cobertas as cabeças dos dois filósofos representados. Aristóteles ostenta “um chapéu redondo, como aquele que serve perfeitamente, na arte veneziana, para significar a origem grega de um determinado personagem”.

Alexandre de Afrodísia, por seu lado – mesmo que ele fosse também grego – apresenta, curiosamente, na cabeça um turbante de estilo otomano. Assinale-se ainda que na arte dos círculos humanistas venezianos o turbante evoca praticamente sempre a sabedoria e a cultura daquele que o usa, referenciando-o muitas vezes como *hakîm*, ou seja, como sábio<sup>61</sup>.

Em muitas das iluminuras destes círculos venezianos Aristóteles é representado, aliás, com turbante. A essa *traditio* interpretativa da representação do sábio grego não é estranha a vinculação do legado espiritual da sua *herança* em relação aos eruditos árabes.

## **5. Um português (Damião de Góis) na Pádua averroísta com mais interesses em Platão do que em Aristóteles**

Constitui uma nota de significativo interesse verificar-se que, apenas cerca de três décadas e meia depois da morte do professor averroísta Nicoletto Vernia em 1490, o humanista português Damião de Góis ter chegado a esta cidade (em 1534 e depois do convívio com Erasmo em Friburgo de Brisgóia) para ali desenvolver um plano de estudos. Tendo permanecido nessa cidade transalpina até c. 1538, ele fez imprimir, na vizinha cidade de Veneza, tanto uma versão do *De senectute*, de Cícero, como uma sua transcrição comentada do texto bíblico do *Eclesiastes*.

Os quatro anos da permanência de Damião de Góis em Pádua foram, reconhecidamente, deveras frutuozos. Não só estreitou os contactos com alguns dos proeminentes intelectuais que aí ensinavam ou investigavam e até com outros ausentes<sup>62</sup> (por via da epistolografia) como, também, se aproximou da cultura filosófica latina e helénica.

---

<sup>60</sup> Trinita Kennedy, “Ulocrino...”, in catálogo *Venise et l’Orient*, edição ant. cit. p. 332.

<sup>61</sup> Trinita Kennedy, *op. cit.* (loc. cit.).

<sup>62</sup> São conhecidas, do seu período de Pádua, pelo menos (e por ordem cronológica) as três primeiras cartas que ele dirigiu a Bonifácio Amerbach (31 de Outubro de 1534; 23 de Junho de 1535; 28 de Setembro de 1535); duas endereçadas a Erasmo de Roterdão (22 de Dezembro de 1535; 26 de Janeiro de 1536); três outras enviadas a Bonifácio Amerbach (31 de Agosto de 1536; 24 de Setembro de 1536; 14 de Dezembro de 1536); uma emitida para o Cardeal Tiago Sadoletto (1 de Julho de 1537); uma outra para Nicolau Cleonardo (19 de Agosto de 1537); e, finalmente, uma que fez seguir para “certo amigo seu” (27 de Agosto de 1537), pouco antes de regressar a Lovaina, onde já encontrava em 13 de Setembro de 1539 (data esta correspondente a uma carta que enviou então dessa cidade da Flandres para Itália, dirigida de novo ao Cardeal Pedro Bembo). – A fixação do texto latino dessas cartas e a sua correspondente versão em língua portuguesa são apresentadas por Amadeu Torres, in *Noese e crise na epistolografia latina Goisiana. I As cartas latinas de Damião de Góis*, Paris, Centro Cultural Português da Fundação Calouste Gulbenkian, 1982, pp.268-313.



Retrato de Damião de Góis, hoje existente na Universidade Pádua, da autoria de Giacomo dal Forno (1942)

No respeitante à cultura latina, a sua versão do *De senectute*, de Cícero, a que atrás fizemos referência, constitui decerto o aspecto mais marcante. Quanto à sua proximidade à cultura helénica, não deixa de ser pertinente que, estando ele na capital do aristotelismo averroísta, indicia nos textos por si publicados em Itália nesse período ter-se aproximado no essencial de Platão não ostentando nenhuma citação de Aristóteles.

Revisitando-se o texto das notas (seu principal ponto de intervenção textual criativa neste aspecto particular) que Góis escreveu para fazer acompanhar a sua versão portuguesa daquele texto de Cícero – que editámos em 2002<sup>63</sup> – conclui-se que são de algum modo frequentes as suas deambulações filosóficas no *terreno* de Platão<sup>64</sup>.

Apresentando essa edição – em fidelidade ao texto do Arpinate – vários *doestos* sobre a velhice, regista-se que (e só em moldes de exemplificação sumária) logo na primeira dessas secções, citando entre outros Platão e Isócrates, o humanista português enaltece do primeiro que “foi cidadão de Atenas, preclaríssimo filósofo, de quem se disse que se os Deuses viessem à terra, que nenhuma outra linguagem fariam que a de Platão”<sup>65</sup>.

Existe, porém, nos textos de Góis produzidos neste período em Pádua – mais particularmente na carta que escreveu em 19 de Agosto de 1537 e enviou a Nicolau Cleonardo (a que atrás fizemos referência em nota) – uma sua aproximação indirecta à

<sup>63</sup> *Obras de Damião de Góis, vol. I (1532-1538)*, direcção de Manuel Cadafaz de Matos com a colaboração do Dr. Miguel Pinto de Meneses, Lisboa CEHLE e Edições Távola Redonda, 2002.

<sup>64</sup> *Obras de Damião de Góis, vol. I...*, edição ant. cit. pp. 212, 227, 235, 255, 257, 291, 303-306, 308, 309, 313, 319, 322, 323, 328, 330.

<sup>65</sup> *Idem, ibidem*, p. 304. Assinale-se, ainda, que nesta sua incursão por textos de Platão, Damião de Góis dá uma particular ênfase ao texto da *República*.

problemática aristotélica. Tal sucede quando regista, a propósito do *De senectute*, ser um leitor de Teodoro de Gaza (c. 1398/1400 - c.1476)<sup>66</sup>, um dos mais importantes filósofos e difusores do aristotelismo pré-renascentista<sup>67</sup>: “O varão disertíssimo que é Teodoro Gaza... omitiu na sua versão grega, onde se fala de Lívio Andronico, os nomes dos cônsules [romanos]”<sup>68</sup>.

De salientar, com efeito, que Damião de Góis – para além dos seus interesses nos considerandos de Teodoro de Gaza sobre os cônsules romanos – também poderá ter sentido alguma apetência cultural pela cultura helénica (para além de Platão). Nos interesses culturais do humanista de Alenquer neste período não houve, claramente, uma eventual disponibilidade para o estudo de Teodoro de Gaza como comentador do *De animalibus* de Aristóteles. Não é muito provável, também, que ele se tenha interessado, então pelo texto desse helenista *De lingue graecae institutione liber secundus, Erasmo interprete*<sup>69</sup>, que merecera ao seu correspondente de Roterdão (que ele tanto admirava) a cuidada edição de Lovaina, de Fevereiro de 1518<sup>70</sup>.

## 6. Dos filósofos aristotélicos com difusão em Pádua, Francesco Piccolomini e Jacobus Zabarella

De referir, ainda, que no período correspondente ao da saída (em 1538) de Damião de Góis de Pádua para Lovaina, não se considera encerrado, definitivamente, o capítulo da vigência do averroísmo aristotélico naquela cidade transalpina. O *fantasma* de Nicoletto Vernia continuou, muitos anos depois da sua morte em 1499, a estar bem presente em muitos intelectuais que, na universidade daquela urbe, continuavam a ver em Aristóteles um filamento de luz na mudança para o entendimento do homem, da sua cultura e pensamento, da sua corporeidade e do seu destino.

Dois dos autores da segunda metade do século XVI que circularam, pelas suas obras, em meios aristotélicos paduanos foram, precisamente, Francesco Piccolomini e Jacobus Zabarella. Iremos sumariar, apenas, alguns aspectos essenciais da sua acção teórica.

Quanto a Francesco Piccolomini (1523-1607), trata-se de um filósofo de Sienna que estudou, e depois ensinou, em Pádua durante numerosos anos<sup>71</sup>. Escreveu sobre uma larga gama de obras de Aristóteles e foi adversário do filósofo Zabarella.

O último pensador aristotélico no qual nos vamos deter é, curiosamente, esse mesmo Jacobus Zabarella (1533-1589)<sup>72</sup>. Trata-se de um filósofo paduano que passou toda a sua vida a ensinar na sua cidade natal. Ele foi, segundo regista ainda Charles B. Schmitt (falecido precisamente em Pádua em Abril de 1986<sup>73</sup>), um dos mais distintos

---

<sup>66</sup> Importa referir que o helenista Teodoro de Gaza – para além de traduzir do grego para latim as obras de Aristóteles (entre outras como as de S. João Crisóstomo) – tinha traduzido para a língua grega quer o *De senectute* quer o *Somnium Scipionis*, ambas do Arpinate.

<sup>67</sup> Manuel Cadafaz de Matos, “As edições italianas de Aristóteles...”, edição ant. cit. (2005), pp. 268-269.

<sup>68</sup> Amadeu Torres, *op. cit.*, I, p. 305.

<sup>69</sup> Adams, I, nº 516, p. 270. De assinalar ainda que a gramática grega, deste helenista bizantino (natural de Salónica), a que aqui fazemos referência, fora editada em Veneza em 1495. Ela foi considerada por M. Gonçalves Cerejeira, in *Clenardo, o Humanismo e a Reforma* (II, Coimbra Editora, 1975, p. 164), “o maior monumento da erudição grega do século XVI”.

<sup>70</sup> Interrogamo-nos, até, se Damião de Góis não possuía – dada a sua grande admiração por Erasmo – esta edição de 1518 preparada a partir dos cuidadosos trabalhos de Teodoro de Gaza.

<sup>71</sup> Ver Lohr, pp. 331-342; e, ainda, A. E. Baldini, “La politica ‘ética’ di Francesco Piccolomini”, in *Il pensiero politico*, 13, 1980, pp. 161-185.

<sup>72</sup> Ver Lohr, pp. 497-503; e *DSB*, t. XIV, pp. 580-582.

<sup>73</sup> Tendo o pensador britânico Charles B. Schmitt – que dedicou praticamente toda a sua vida ao estudo de Aristóteles e da sua obra (em particular no período do Renascimento) – desenvolvido o seu trabalho na cidade de Pádua em Abril de 1986, ali veio a falecer no dia 15 desse mês. É caso para se poder afirmar que maior ventura poderia ter um filósofo do aristotelismo, como ele, do que finar os seus dias na cidade onde, porventura, foi levado mais longe o aprofundamento do aristotelismo na sua vertente averroísta.

pensadores aristotélicos do seu tempo. As suas obras sobre Lógica e a Filosofia da natureza foram abundantemente lidas na Europa do seu tempo.

### **Algumas conclusões**

Ao longo deste trabalho procurou-se aprofundar a perpetuação e revitalização do pensamento de Aristóteles em Veneza e Pádua, desde o último quartel do século XV. Esta análise foi extensiva a todo o período quinhentista, pois que a partir da morte do impressor Aldo Manutio em Veneza, diversos outros tipógrafos se empenharam em continuar a fazer circular em letra de forma os principais tratados do Estagirita, sobretudo em língua latina.

Para o trabalho desses impressores poder ter lugar foi indispensável que hele-nistas credenciados transpusessem o texto desses tratados do Estagirita da língua grega para o latim. A revolução tipográfica europeia iniciada em meados do século XV em Mogúncia (por Gutemberg e Fust) ganhou efectivamente uma natural caminhada qualitativa, no plano da sua evolução histórica, em terras transalpinas. A difusão do aristotelismo e do platonismo em meios humanistas como Veneza, ou Pádua (a par de outros lugares), insere-se na esclarecida caminhada evolutiva das ideias filosóficas da Renascença e, em particular, na História da Imprensa nessas cidades.

Mesmo que tenham sido aqui aflorados, reconhecidamente, apenas alguns dos contributos aristotélicos de pensadores que foram deveras importantes para a História da Filosofia (e sobretudo do aristotelismo) neste período da cultura italiana, procurá-mos trazer a este nosso estudo, pelo menos, uma leitura transversalizante, seguindo Schmitt, dos principais esforços então empreendidos nesse mesmo sentido.

No século XVI, com efeito, o mundo culto europeu, os seus eruditos e as suas bibliotecas ficaram a dever muito do conhecimento de Aristóteles aos prelos de Veneza e de Pádua.